



## Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

### Chanceler

Dom Dadeus Grings

### Reitor

Joaquim Clotet

### Vice-Reitor

Evilázio Teixeira



**Biblioteca Central Irmão José Otão**  
César Augusto Mazzillo – Diretor



**Delfos – Espaço de Documentação e Memória Cultural**  
Luiz Antonio de Assis Brasil – Coordenador Geral

**Autoria** José Joaquim de Campos Leão – Qorpo Santo  
**Digitalização, Projeto Gráfico e Diagramação** Michelângelo M. M. Viana  
João Vitor Hanna de Souza

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Q1e Qorpo Santo

Ensiqlopédia, ou seis mezes de huma enfermidade : livro quarto / José Joaquim de Campos Leão. – Dados Eletrônicos. –

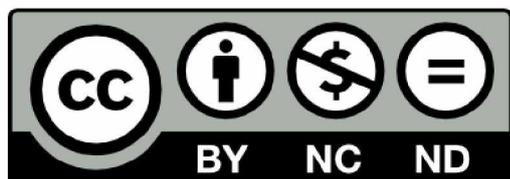
Porto Alegre : Tip. Qorpo Santo, 1877.

102 p.

Modo de acesso: World Wide Web: <<http://www.pucrs.br/biblioteca/qorposanto>>

1. Literatura Rio-Grandense. 2. Teatro Rio-Grandense. I. Título.  
CDD 869.99239

Ficha Catalográfica elaborada pelo Setor de Suporte e Desenvolvimento da BC-PUCRS



**Título da Obra:** Ensiqlopédia: ou seis mezes de huma enfermidade! Volume 4

**Disponível em:** <http://www.pucrs.br/biblioteca/qorposanto>

**Está licenciada sob a licença** [Creative Commons](http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/):

**Atribuição; Vedado o uso comercial; Vedada a Criação de Obras Derivadas. 2.5 - Brasil**

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/>

**PUCRS**

### Campus Central

Av. Ipiranga, 6681 - prédio 16 - CEP 90619-900

Porto Alegre - RS - Brasil

Fone: +55 (51) 3320-3544 - Fax: +55 (51) 3320-3548

Email: [biblioteca.central@pucrs.br](mailto:biblioteca.central@pucrs.br)

[www.pucrs.br/biblioteca](http://www.pucrs.br/biblioteca)

O HOSPEDE ATREVIDO;

ou

O BRILHANTE ESCONDIDO.

PRINCIPIOS DE HUMA COMEDIA.

Acto primeiro

SCENA PRIMEIRA.

Ernesto (passêando e conversando com si mesmo; batem á porta):

Quem bate (virando a cabeça)?... quem stá ahí?... não ouve?!

Huma preta (vijiando): Sou eu, meu Sr.!

Ernesto: E o qe quer?

A preta: Minha Sr.ª manda dizer se dá licença que o Sr. Soares venha ver esta caza.

Ernesto: Qual Soares? diz á tua Sr.ª que eu lá heide ir, ou mandar.

A preta: Não é isso; isso éla sabe!

Ernesto: Pois então o qe é?!

Ela: E' para ele vir ver a caza.

Ernesto: Não pôde ser. diz á tua Sr.ª que enquanto eu aqui morar, só terão licença de entrar nesta caza pessoas de muito minha amizade, e confiança: que não pode ser varejada por esse ou outro individuo; que eu não posso pôr á disposição de pessoa alguma salas, quarto, livros, e o mais que nela tenho.

Andas com prêssa?

A preta: Não, Sr.

Ernesto: Pois então pega dinheiro, e compra-me charutos dos melhores que encontrares.

A preta: Sim Sr.; (sahe).

Ernesto (só e passeando): Que lhes parece o Sr. Soares. l acabo de me ir limpando, e talvez sua mercê a quem não conheço, me quizesse vir sujando. l (rindo-se) hoje estou com a barriga do ex-chefe de Policia Andrade, (por ingano muitas vezes tomei por hum globo geographico. l) tomaremos hum banho (pega huma bacia, huma chaleira, e agoa de huma talha; e levando para hum quarto):

Já que passeia a minha criada, não tenho remédio, se não fazer estes serviços que tão impróprios me são, mas toleraveis, visto que jente peior, e talvez melhor, tenha feito iguaes, inferiores; quero dizer a gente da mais alta sociedade pratica actos ou ha praticado actos identicos, ou mais impróprios que estes, de sua altura; assim como ás vezes jente da mais baixa — pratica actos proprios dos da mais alta sociedade. E como o não faço, por gosto, regra ou costume; nada me pode pegar (entra no quarto, e logo depois sahe, abotoando as calças, ou a vestir a sobrecazaca nota que está suja; pegando na escova);

Ainda mais esta. l não sei como se encheu de pô este facto... ah. l fui lá embaixo, e servi-me de... para... já se sabe o para que. l servi-me de certa sugestinha, a que xamão — bacio, ou bacia; & e & e tal.

Em compensação — sujou-se a sobrecazaca, Mulheres. l que em tudo se metem. l até nos orinóes... servidôres, ou bacias. l

Se se metessem em outras couzas, seriam dignas de louvor; mas nestas, só o são de censura. l e de que me havia eu lembrar agora. l... de certa pergunta que me fez hum judas escariotes; e é: Que é, ou será melhor? ser servido: ou servir?

Respondo: Seja melhor; seja peior; prefiro ser servido á servir. Note-se: falo do que é próprio da classe dos criados, & visto que todos servem.

Serve o Imperadôr a o Estado no Conseluo de Estado, dirijindo os negocios Públicos. l

Servem os Ministros, executar as Leis, e apresentando projectos de reformar outros melhoramentos, economizando os dinheiros públicos, e praticando outros... milhares de actos, de utilidade geral. l servem os senadores, e deputados, e mesmo Vereadores das camaras, legislando. l servem os membros do supremo tribunal de Justiça, ou das Relações, Conselheiros de Estado, Juizes de Direito, e municipaes, e outros, os Prezidentes de Provincias, secretarios, Chefes e Delegados de Policia, e outros: finalmente — todos os Empregados públicos, seja qual for e sua classe — executando as Leis e de outros modos: quanto maior é, ou for sua capacidade — mais valiozos e importantes são seus serviços!

As especies de serviços pois, é que são diversas, e mais ou menos nobres e convenientes.

As mais agradaveis e dignas em minha opinião — são as que se exercitão com a penna, com a espada, e com a palavra. l Que mais alto pode subir o homem que de seu palacio dirige huma infinidade de entes seus iguaes — escrevendo, e mesmo em seu gabinete!?

A que maior altura pôde subir — o que com a espada dirije os exercitos! ou, que profissão mais nobre e elevada que aquela que, com a palavra — convence, persuade, e ata á cauda de seu carro de progresso, e logo depois de triumpho — milhares e mesmo milhões de individuos?!

— Quem subio mais alto por sua palavra que Jesus Christo; que os Demósthènes, que os Ciceros! Quem, mais que os Napoleões, que os Alexandres, que os Cézares, por sua espada! E quaes, mais que os Palmerstons, os Paránas, os Pombaes, e tantos outros, por sua politica, ou administração!?

Assim pois — Procuremos sempre ser úteis (expressão mais própria que servir) a os nossos semelhantes, por algum, e pelos trez modos, se occasiões para tal nos offerecerem; isto é — pela penna; pela palavra; e pela espada!

Assim se distinguem os Homens. Quanto ás mulheres; se elevão e brilhão, por sua conducta moral; pela obediencia, respeito, e afecto para com seus Pais; pelo recato e honestidade em suas maneiras, e em seus vestidos; pela brandura, suavidade e encanto de sua palavra; pela escolha dos trabalhos mais delicados, — e dos prazeres innocentes; pelo gosto e perseverança no estudo das belas artes, belas letras, e de tudo o mais que lhe é próprio, e que pode concorrer para que sejam sociaes; inteligentes; boas filhas; boas mães; boas esposas; e respeitaveis Sras.

As que tanto conseguem — são mulheres distinctas. e por isso mesmo as Rainhas do Mundo, como Aqueles, — os directores dos outros homens; e das sociedades em geral.

E pode-se dizer: que esses e outros serião capazes de metamorfosar o... não. porque não pode haver... não, nem haverião distincções, — se tudo fosse igual.

Parece que as Diversidades constituem a harmonia na Especie humana; como as das peças de huma máquina a tor não perfeita e capaz de trabalhar... (sah).

SCENA SEGUNDA.

Jorge (entrando por huma porta e Eulália por outra): Como vai minha querida Eulália? já sei que está muito zangada com mim. andei passeando hoje; fui ao Riacho; á rua... de...

Eulália: (como zangada) Já sei; já sei onde o Sr. foi; não precisa mais nada.

Jorge: Não se zangue; não se zangue, minha querida. sabe que sou todo seu... que por mais que a roda do mundo ande e desande — sempre a Sr.<sup>a</sup> é e será a menina de meus olhos. e quando assim não fosse, por sympathia, o seria, por que a Sr.<sup>a</sup> tem inspirações, a Sr.<sup>a</sup> tem sugestões, que transformão os corações.

E.: Bravos. veio Poeta. agradeço-lhe muito a comparação.

J.: Eulália, és capaz?

E.: De que?

J.: Ora de que? de me lembrar os versinhos que produzi hoje antes de sabir.

Que revolução se opéra, minha querida Eulália.

Eulália: Onde?

J.: Na minha imaginação.

E.: Essas revoluções nada valem.

J.: Para mim, muito. transformão-me ás vezes as ideias, perturbão-me, interrompem-me, e fazem-me muitas outras — mudar de pensar e de parecer.

E.: Pois tenha mais firmeza em si: não seja tão volúvel.

J.: Eu volúvel! isso é privativo das mulheres... os homens em geral são estáveis.

Durante a minha auzencia de hoje, dizei-me: que fizestes? bordastes? picastes? cozestes?... Já sei; basta.

E.: Graças a Deos que advir hastes o que eu fiz hoje: li durante as longas horas em que o Sr. passeou; e o Sr. o que fez? deixou-me, só, triste, aborrecida, e não sei de que modo mais. é hum cruel; hum homem sem alma; não tem pena de mim. ve-me melancólica, e foge; pensativa, e não me fala; não parece hum amigo. mas sim hum algôz.

Heide fazer ao Sr. outrotanto; e então serei vingada. o Sr. hade arrepender-se; e talvez que assim possâmos hum dia sermos felizes.

Alberto (entrando, e batendo palmas, muito alegre): Bravos. bravos. bravissimos. pensei (dirijindo-se para Jorge e Eulália) não encontrar pessoa alguma nesta caza. felicito-os; vejo-os cazados... que flicidade!

E.: Sente-se, Sr. Alberto; (sorrindo-se) aqui tem cadeira.

Romualdo (vai entrar, falceia hum degrau, quasi cabe por star a caza algum tanto ás escuras): Fiz huma jenufleção sem querer! o que vale é que pode ter applicação á Sr.<sup>a</sup>... mulher; môça, que diante de mim vejo.

Como vai? é boa esta caza? tem comodos?

E.: Tem os precizos, e é quanto basta. e assim mesmo eu não estou satisfeita.

R.: As mulheres são sempre assim — Não ha couza que as satisfaza.

E.: O Sr. é bem satirico. Deos queira não seja, ou seja satirizado.

R.: Já o tenho sido; e muito. por isso mesmo é que as não poupo.

E.: Somos forçados a pedir-lhe licença, Sr. Romualdo, por que temos de fazer hum passeio.

R.: Pois não (levantando-se): Passebem. passebem. (retira-se).

E.: Este Sr. Romualdo é muito aborrecido. já vivo enjoada dele. Deos permita que não continue a me fazer vizitas. anda sempre com a cabeça cheia de cazamentos como o Lopes do Paraguai com a dele cheia de mulheres. Abernuncio! (benze-se).. mas o que mais me aborrece são as suas satiras, que são peiores que as de Gregório de Matos. Deos queira não lhe suceda o mesmo que a este, que depois de mil processos e quinhentas prizões, teve a desgraça de ser executado.

do na provincia do Pará vila do Crato. (Para Ernesto): Vamos passear, Ernesto?

Ernesto: Vamos.

Vou pôr o chapéu: vê tu a bengala, e saímos... (Preparação-se; e sahindo — para Alberto).

E.: Fique Sr. Alberto governando a caza por alguns minutos, enquanto vizito a minha cara amiga D. Fernanda, que tevehontem hum menino maxocom 4 olhos; seis narizes; duas bôcas; cinco pernas; e... não digo o mais para que o Sr. não se espante: Até logo; até logo.

Ernesto: Cuidado, Sr. Alberto, com aqueles larápios que nós conhecemos. louve? sabe? sim: pois bem; descanço em sua pessoa. (Retiração-se). Entra hum criado e outro individuo amigo da caza:

(Aeste, chamaremos— Paulo; aquele—Leon).

Paulo para Alberto: Como está, Sr. Alberto? então, está só. l

A.: E' verdade: as pessoas desta caza forão passear; e eu aqui fiquei sendo hóspede — qual dono!

Sr. Paulo, preciso que me mande vir hum carro para passeio: pode ser?

Paulo: Pois não!

A.: Mas eu não tenho dinheiro. l

P.: Então como quer carro. l?

A.: Tenho hum brilhante que depositarei em suas mãos até receber certa quantia com que pagarei todas as despesas... olhe quer vel-o? (tirando-o de huma caixinha) eil-o.

P.: Oh. l é magnifico; e de grande pezo. l

A.: Pois guarde; e vá me fornecendo tudo o que eu precisar.

P.: Far-lhe-hei a vontade. (guarda o brilhante n'algibeira; á parte, e apontando para Alberto, de lado): Ainda é tolo, dá brilhantes por passeios de carro. l heide pregar-lhe hum formidavel carro. l (sahe).

Leon: Preciza de mim para alguma couza, Sr. Alberto?

A.: Precizo, sim: quero que me escoves esta calça; e que me limpes estes sapatos... ah. l ia-me esquecendo; hoje é dia de vizitas: quero que me apares tãobem estas unhas; e me cortes estes calos. (tirando as meias) Vê hum canivete que está emcima dessa meza (apontando).

L.: E' este?

A.: E' sim, traz.

L.: (aproximando-se): Vamos a esta operação. Com efeito; o Sr. cortou as unhas, quando se cazou, e quando ouvio a primeira missa. l isto é — duas vezes no longo espaço de cincoenta e dois annos... e assim mesmo é asseado. l (cortando) Irra. l tem cada unha, que parece a de huma âncora. l e os calos!... que grossura, meu Deos. l podem-se bem comparar-se a o couro do caxaço de hum boi de mais de viute e cinco annos. l (para Alberto):

Prompto, Sr. Alberto. (levanta-se).

A.: Ah! que alivio! que alivio! estou com hum pezo menór de vinte arroubas! parecia que trazia nos pés huma esquadra. l cada unha l navio de alto bordo! em cada calo, — huina arrouba de couro. l (calçando as meias) Prepara-me aquela calça preta.

L.: Sim, Sr. (pegando-a e a escova): Stá bem suja! tem nodoas de tudo: — graixa; sebo; azeite; vinho, caxaça... Sres.: este homem será taberneiro... grazeiro; sebeiro... que diabo de porcarias... não: não sujarei a escova de meu amo. l (faz que escova, e apresenta-lhe por escovar). Stá limpa, Sr. Dr. Alberto. l (á parte): Tratalo-hemos de Dr. para que mais pague o favor. l

Ensinou-me meu Pai que aos tolos sempre louvor; S. e até excellencias para que melhor paguem quaesquer incumbencias. l irei pondo em prática; e estou certo de que se não ganhar, tãobem... não heide perder. l...

A.: Oh! está óptima! és hum criado da primeira classe! és a flôr da criadagem! (á parte): quero pagar-lhe tãobem com alegria os palanfrórios, além de que a paga em dinheiro seja igual a o trabalho! O patife nem tocou na calça: a escova apenas soprou o pelo. l nem a o menos a sacudiu... que marôto! (voltando-se para L.): está muito limpa. l falta agora limpar os sapatos.

L.: Onde estão? vejo ali xinelos, sapatos amancos; aqui botas... (apontando)

A.: E's cêgo, homeni! não vês os sapatos na quele cabide!?

L.: (á parte) que tal o Sr. Alberto? pendura sapatos em cabide! é célebre o homem. l (pegando-os, enojando-se) — fum!... fum!... que porco! como estão enlameados. l... U. l ornado... que lhes parece. l nem lhes tóco (estendendo a mão ao carro; e põe-lh'os diante)

Aqui estão, Sr. Alberto; é o melhor que os pu de preparar.

A. — Estão bons, filho. l estão bons. l (á parte) — é o criado mais ordinario que tenho conhecido. l (vestindo-se); Já está bem velho este cazaco. l servio para meu casamento ha 15 annos e o cote está tão curto, que parece o de hum menino? Não ha remedio; não tenho dinheiro para outro. l o crédito é pouco; vistamol-o. Tãobem as vezitas não são de grande cerimonia. l vou agora a hum velho Marechal; depois a certo barão; logo a o Dr. Rabecão; e... então sei se irei a o Exm.º Marquez de Ratazana. l Prompto, Sr. Leon. l (á parte) — Não me lembrava que este aldragante é criado. l fui dar-lhe — Sr. (pêga o chapéu, a bengala; e com passos muito firmes e extensos, pernas muito tezas, sahe).

L. — (benzendo-o pelas costas) — Deos o leve a bom caminho; e se cá não tornar mais, é especial favor que me faz. — e até meu amo hade ficar com isso muito e muito saptisfeito!

A. (voltando) — Esquecia-me dizer-te — que antes de... de mandar-me desta enxovia — heide

fazer-te hum óptimo presente pelo bem que me tens servido. (á parte) Em vez de limpar sujou-me os vestidos. (sahem).

L. — Ainda faz promessas. (como se eu viva, ou creia, de suas promessas.)

## SCENA TERCEIRA.

Ernesto e Eulália (entrando) — Estás aqui, Leon? que destino tomou o Sr. Alberto?

L. — Deixou-me, depois de haver dado grande massada, dizendo-me que ia vizitar, quantos Condes e Marquezes ha nesta cidade; e sahiu!

Ernesto (sentando-se e dando cadeira á Eulália): E que te parece, Eulália. (o Sr. Alberto que devia estar no exercito; visitando Condes e Marquezes! As nossas tropas marchando contra o Paraguay; para libertar familias paraguayas, e brasileiras; familias de Brasileiros distintas — escravizadas dentro de nossa propria Patria; e por seus proprios patricios.)

Que amarga verdade; quazi incrível. l...

E.: Meu Deos. (por isso é que os Paraguaiz prenderão, escravizarão, matarão, destriparão milhares de familias. (como Deos vinga os innocentes. (como ensina os homens a respeitar a religião que pregou, e devia estar gravada em nossos corações, e ser o regulador de todas as nossas ações. (E se não fossemos á caça de nossa arca, nada sabiamos.)

Ernesto (fôgo): Ah. (minha querida Eulália. (se aoubesses quanto me magoão os factos revelados por tua amiga. l... não; não falarei mais nisso. (com hum movimento de transporte) sim! se alguém ouzasse ofender-te! roubar-te... oh. (nem nisso devo pensar. (o ódio. (a vingança. (a furia, em mim seria tanta, que me parece que destruiria o edificio social desde o seu simo, até a sua base. (não ficaria pedra sobre pedra. (poria esta cidade tão plana, como é a superficie das agoas em dia calmo do nosso largo e magestôzo Guayba. l

E.: E eu? pensas que não faria na la? olha (puxando hum punhal) vês? é para o malvado que tentar separar-me de ti; que ouzar contra a honra tua, e a honestidade minha. (é para o assassino que se abalançar a querer dar-te a morte, quer phyzica, quer moral; e a mim phyzica e moral. (Banhal-o-hia nesse sangue de serpente, como o nosso criado no das aves que prepara para nossos jantares!

Ernesto: Estás me banhando, minha querida (abraçando-a com grande expressão de prazer) em ondas de perfumes. (tuas palavras me encham de prazer. (teus sentimentos, de amor... de affecto... se mais é preciso tributar-te. l

E's verdadeira mulher; espôza; amiga. (és o que devião ser todas as mulheres paracom sigo mesmo, paracom seus maridos, e paracom seus semelhantes. (caridozas, quando o merecem. l

punidôras, quando criminozos. (abraçando-a outra vez) Não podia o Céu fazer-me mais rico presente. (ainda com mais ternura e affecto) és a rainha, e deves ser o modelo das mulheres. (pegando-lhe na mão) vamos até o jardim? aprás-te?

E.: Vamos! o que não me aprazera comtigo! (sahem)

Entrão Alberto, Paulo, e Lion.

A. (muito zangado, para Paulo): O Sr. sabe? não sabe! pois eu lhe digo: Este criado é o diabol! incomodou-me hoje o mais que é possível! já fui á Policia duas vezes para meter este cachorro na cadeia. (ameaçando-o com o punho).

P.: Oh. (Sr. Alberto: Que lhe fez ele? admiro muito; pois que sempre foi muito humilde, e respeitador de minhas ordens!

A. (dando com as mãos): E' hum cachorro! é hum atrevido! malcriado que só metendo-lhe as mãos na cara, eu me saptisfaria! (ameaça-o).

P. (para o criado): Que fizestes, Lion? ouzastes insultar o Sr. Alberto? não sabes que é muito meu amigo, e a quem muito estimo e respeito!

L.: O Sr. Alberto está enganado! isse não foi com migo!

A. (aproximando-se e ameaçando-o): Foi, foi, sim, sim; és tu mesmo!

L.: O Sr. está louco... sonhando... ou bebado. (ao proferir esta ultima palavra, Alberto atirou-lhe huma bofetada, que foi estorvada por Paulo).

P. (estorvando): Que é isso, Sr. Alberto? V. S. não está bom! eu não posso consentir que em minha presença este criado seja castigado por pessoa alguma!

A. (querendo sahir): Pois então, vou-lhe mandar sentar praça na Marinha, e ocalabrote lá me vingará!

P. (atacando-o): Nada! o Sr. não sai daqui hoje, sem que eu o veja calmo e contentel (para o criado) — Lion, sahe! (para Alberto) sentêmos-nos!

A.: Não pôsso; não quero; heide vingarme!

P. (levantando-se): Pois eu tãobem não quero! (puxa rapidamente a porta, põe ele do lado de fóra, e fecha-a).

Alberto (grita que lhe abrão a porta, exforçasse para arrombal-a, pragueja, e deita-se.) Ao menos esperaremos deitados que me queirão soltar estes malvados! (dorme).

P. (para o criado, entrando) — Que fizestes tu a este beberrão?

L. — Ora, que fiz? nada. (só se é por certa couza que eu não posso dizer. l

P. — Que couza é esta que tu não podes dizer!

L. — O'ra o que hade ser! o Sr. Paulo não

conhece este banhalho; não sabe que é tão porcalhão, que despreza o que é proprio e procura o que é improprio?

P. — Não te comprehendo! que queres tu dizer com isso?

L. — Quero dizer que este nojento quiz servir-se de mim para actos de sensualidades!

P. — Devéras! isso é verdade!

L. — Se é! falou-me duas vezes, eu não quiz; e na terceira que o encontrei, apertou-me, como hum prensa hum couro!

P. — Que ente abjecto e indigno! muito desejo ver-me livre dele!

A. (levantando-se aos saltos e cheio de espanto) — Oh! os Srs. aqui, muito me admirão! (esfregando os olhos) quero limpar bem a vista para encherger bem hum carcereiro e hum soldado! (para Paulo) faz-me o favor de dar-me o meu brilhante?

P.: Já se esqueceu que me deu em penhor até pagar as suas dividas?!

A. — Qual penhor, Sr.! pelo que vejo pretende roubar-me; não?

P. — O Sr. me insultou; e com migo a úma familia; tenho tido em meu poder milhares de objectos de superior valor; e jamais tentei ficar com algum!

A. — Pois não parece; visto que agora nega entregar o que lhe dei para guardar!

P. — O Sr. continua a insultar-me — eu lhe vou trazer «dá hum volta, e tira» de hum gaveta o brilhante, e mostrando-lhe — está aqui; mas não o entrego, sem que o Sr. pague o que me deve..

A. — «gritando» o Sr. é hum ladrão! e o seu criado é hum tratante! hei de metê-los todos na cadeia!

P. — Em vindo o Sr. Ernesto, e a Senhora D. Eulália, heide contar-lhe tudo; e o Senhor hade mudar-se!

A. — Isso querião vocês «arrumando a cama» para se ficarem com asminhas joias

P. — Para que queremos nós as suas jóias, Senhor! éra melhor que o Senhor estivesse dormindo; visto que inda não cozinhou a bebedeira!

A. — Patifão! ainda me trata de bebado! esperem! eu lhes respondo (levanta o travesseiro, e puxando hum punhal): ou vocês hão de entregar-me o que depozitei em suas mãos, ou heide varalos com este punhal!

P.: O Sr. cada minuto fica mais imprudente! já lhe dice que «recuando-se, e aproximando-se de hum gaveta» que não lhe posso devolver o que me entregou, sem que me pague o que me deve! «puxa a gaveta, e tira hum revolver, e engatilha-o» e se se atrever a tentar ferir-me com esse punhal, lançal-o-hei por terra com hum bala! e veja onde quer; escolha: no coração, ou na cabeça?

O criado «entretanto arma-se de hum cabo

que tira muito cheio de medo de hum vassor a que estava a hum canto — á parte»: Heid e meter-lhe este cabo de vassoura pelos olhos, para dar-lhe vista; e fazel-o passar pelos ouvidos, afim de ouvir melhor! e se não bastar, meter-lhe-hei na boca a vassoura — para fazel-o calar!

A. «gritando» — Assassinos! ladrões! querem me matar! querem me roubar! Aqi, soldados! officiaes! policia! «fazendo milhares de movimentos, ora para hum lado, ora para outro, querendo sahir»

P. «querendo tranquilizal-o» — Está doido, Senhor! que é isto? acalme-se!.. o Senhor está fora do seu juizo!

Soldados (arrombando a porta, entrando, e desembainhando as espadas): Prezos! estão prezos, á ordem do Illm.º Senhor Dr. Chefe de Policia!

P. — Só este louco é que deve ir prezo! (apontando para Alberto).

A. — Não; camarada! ele é que deve ir, porque queria matar-me com aquele revolver para roubar-me hum brilhante!

L. — E a mim quiz me fazer de mulher!

P. — «para o criado» — Cala-te! não é preciso falares! «para os soldados» — este homem, Senhores está fora de sua razão! ele, e só ele precisa correccão!

Soldados — Não queremos saber disso! os Senhores estão armados; ouvimos gritar a policia; temos de cumprir nosso dever! estão portanto todos prezos; e te de apanha-nos á presença do nosso Chefe

Eles — Não! não! não, não camaradas!

Soldados — Lá se accommodarão! e se não querem por bem, irão á força! escolha!

Eles! «muito afflictos» que vergonha! que proprio! nós prezos! termos de ir á policia! acompanhados de soldados! que dirá o Sr. Ernesto, e a Senhora D. Eulália, quando souberem, camaradas! «puxando d'algieira dinheiro, e querendo meter nas mãos dos soldados» Aqi tem dinheiro! deixem-nos!

Soldados: E' muito atrevimento! pensão que somos miseráveis ganhadores? — que! — somos capazes de trahir nossos deveres! de manchar esta farda que nos foi dada por nosso Monarcha?! — Não; somos livres, Srs.! e não nos vendemos por dinheiro! não deixaríamos de cumprir nossa missão, por considerações ou amizades, quanto mais por prata ou ouro!

Hum deles: E' huma infamia! companheiros! agarrem aqueles, que eu seguro este! «lanção mãos cada soldado a cada individuo, tranção-lheos braços, ha puxões, socos, diligencia para sahirem, gritos, lamentos e até chões, mas afinal são arrastados pelos soldados, e conduzidos á Policia».

(Desce o panno, terminando assim a coméd.a.)

Esta comedia é apenas hum borrão que deve passar pelas correções necessarias antes de ser impressa, tanto mais que foi escripta das 11 horas da noite de 30, ás 3 quando muito da madrugada de 31.

Por— **Jozé Joaquim de Campos Leão,**

**Corpo-santo—**

Porto Alegre, Janeiro 31 de 1866

À SAUZADIA DE SANTO ANTONIO

EXPERIMENTO

\*\*\*\*\*

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX